



O FILME COMO RECURSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO: O DOMÍNIO DA LEITURA E ESCRITA EM O FILME “NARRADORES DE JAVÉ”

Emídio Ferreira Neto ¹

Gilma Alves Ferreira ²

Ana Carolina de Aguiar Braga ³

RESUMO

O atual artigo tem por objetivo versar a respeito das concepções de alfabetização e letramento, baseado em uma pesquisa bibliográfica e realizado uma análise do filme “Narradores de Javé”, que foi utilizado como recurso didático em sala de aula, na disciplina de Educação de Jovens e Adultos, no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, campus I. Enquanto a alfabetização configura-se como a habilidade, o ensino e o domínio do código escrito, o letramento configura-se como a prática social, isto é, a leitura de mundo. Desta forma, destaca-se que a prática de letramento não é assegurada apenas pela escola, como também uma prática que perpassa esse âmbito, à exemplo do meio social e os conhecimentos que são passados de geração para geração através da oralidade, como bem exposto no filme. Concluiu-se que, baseado nas pesquisas realizadas e no filme analisado, o domínio da escrita e leitura, por vezes tem sido motivo de ‘detenção de poder’, uma vez que o alfabetizado se ‘destaca’ em meio aos demais não alfabetizados.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Educação; Conhecimento, Ensino de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

Dominar as práticas de leitura e escrita, desde sempre tem sido sinônimo de poder, quem as detêm, obtém grandes chances sobre os que não dominam, de modo que é possível (parcialmente) dominá-lo.

Entende-se por analfabeto, uma pessoa desprovida de quaisquer conhecimentos, totalmente ignorante, e por este motivo, passível de persuadir e dominar-se. Como bem coloca Paulo Freire em seus escritos, defendendo uma prática educativa que seja, contudo libertadora, conscientizadora da realidade a qual está inserido o sujeito, para Paulo Freire

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ferreiraneomidio@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, gilmaaf_28@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ana17red@gmail.com.



(1980) “a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo.” (FREIRE, 1980, p. 40). O autor faz referência ao poder de libertação que há na prática educativa, que deter conhecimento é deter poderes de modificar a realidade a qual nos encontramos, ou melhor, se encontra o indivíduo que é tratado com subversão.

Para Emilia Ferreira (1986) a compreensão de leitura e interpretação perpassa por duas etapas; a primeira considerando e aceitando a realidade de assimilação do texto escrito ou figura com algo prévio, conhecimento trazido pelo sujeito, o outro, é a obtenção de significados, permitindo ao leitor recorrer a fontes visuais e não visuais.

Constantemente em sua prática, assim como também deixa claro em seus escritos, Paulo Freire faz questão de resguardar a participação ativa do sujeito no ato da aprendizagem, cabendo ao educador apenas ser ponte, e incentivador de pensamento crítico. Para Freire (1980) é preciso

uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita freqüência, como faz com muita freqüência a educação em, vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha. (FREIRE, 1980, p. 35)

Diante desta afirmação, Freire (1980) sustenta que a conscientização é uma tomada de posse da realidade, e por que razão, tem se imaginado como utopia, uma utopia que a afasta da realidade. Contudo, neste artigo iremos versar a respeito da concepção de alfabetização e letramento, segundo a concepção de alguns autores (as), tais como Paulo Freire (1980), Emilia Ferreira (1986), Magda Soares (2004), Leda V. Tfouni (2006). Este atual trabalho conta também com a análise do filme ‘Narradores de Javé’, que foi utilizado como método didático na disciplina de Ensino de Educação de Jovens e Adultos, pelo curso de licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *campus* I.

METODOLOGIA

Este artigo é resultado de um estudo bibliográfico e análise do filme “Narradores de Javé”. Adotou-se o método de pesquisa bibliográfica, pois permite ao pesquisador explorar e analisar diversos trabalhos publicados que verse a respeito do conteúdo pesquisado,



posteriormente discutir e realizar constatações. Segundo Boccato (2006, p. 266 *apud* PIZZANI *et al.* 2012, p. 54),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (*apud* PIZZANI *et al.* 2012, p. 54).

Pensar em filmes nos leva a satisfação, a lazer, deleite, porém há também interpelado, do modo que se é tratado este produto, como objeto capaz de ser analisado e utilizado para fins didáticos e de pesquisa, como tal foi realizado. Para Cláudio Pinto (2011) este produto da indústria cultural tem se tornado um importante mecanismo de ‘distribuição’ de determinadas ideologias, sendo capaz ao mesmo tempo e maneira, de emancipar e levar a reflexão determinados assuntos, muita das vezes que os sujeitos que o consomem se encontram. De tal modo, utilizamos o filme anteriormente citado, como objeto de análise acerca da realidade de analfabetismo que se encontra uma grande porcentagem da população de nosso país.

CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Conceituar o que é, ou venha ser alfabetização e letramento não é tarefa fácil, nem tão pouco, pôr em prática o que diz as teorias a respeito. Contudo, é preciso e é relevante haver debates e pesquisas quando se trata desta temática, ainda mais relacionando à uma prática política social de ensinar de modo que liberte a aqueles que são ‘presos’, ‘enclausurados’ e muitas das vezes excluídos e desconsiderados, por não haver domínio da leitura e escrita.

Versar sobre alfabetização nos remete diretamente ao sujeito que se entende por alfabetizado. No atual contexto, compreende-se que alfabetização é o ato de alfabetizar, enquanto alfabetizado diz respeito ao indivíduo que tem o domínio dos códigos da escrita e leitura. Em busca de mergulhar e definir melhor o que venha a ser alfabetização e letramento encontramos respostas com autoras/autores especialistas no assunto.

Para Leda Tfouni (2006) que segundo sua concepção, define a alfabetização como que sendo o processo de aquisição da escrita, de modo que esta pertença ao âmbito individual. Letramento por sua vez, a autora define como que sendo focalizado nos aspectos sócio-histórico do processo de alfabetização.



Tfouni (2006) afirma ainda que “[...] a escrita tem por finalidade difundir as ideias (principalmente a escrita impressa). No entanto, em muitos casos ela funciona com o objetivo inverso, qual seja: ocultar, para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso.” (TFOUNI, 2006, p. 11). A autora faz referência ao domínio da escrita como prática política, que domina e subverte a quem não detêm, assunto que será abordado logo a mais no trabalho.

Paulo Freire (1981) por sua vez define que

a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. (FREIRE, 1981, p. 111)

Porém, a alfabetização não restringe-se apenas a habilidade de ler e escrever, se faz necessário que o indivíduo, utilize para além dessas funções, é preciso, portanto, que o sujeito codifique e decodifique, ou seja, além de reconhecer letras e palavras soltas, consiga juntá-las e a partir delas, consiga formar frases e por conseguinte, desenvolver a habilidade de compreensão do que foi escrito para leitura posterior.

Enquanto a alfabetização configura-se como a habilidade, o ensino e o domínio do código escrito, o letramento configura-se como a prática social, isto é, a leitura de mundo. Magda Soares (1998) conceitua o surgimento da prática do letramento a partir da necessidade de,

configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. (SOARES, 2004, p.96)

Seguindo a lógica etnocêntrica que envolve o assunto, esta perspectiva diz respeito ao preconceito para com o não alfabetizado, estando estritamente relacionado a uma relação de poder e submissão. Chega-se a dizer e pensar que indivíduos não alfabetizados não desenvolvem de certo modo, o raciocínio lógico-dedutivo. De modo que assegura Paulo



Freire (1980) quando diz que “a percepção não-estrutural do analfabetismo tem revelado uma visão errônea dos analfabetos, como homens marginalizados.” (FREIRE, 1980, p. 73)

Para Freire (1980) “[...] a alfabetização não pode ser feita de cima pra baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro pra fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador.” (FREIRE, 1980, p. 111) De modo que haja diálogo, troca de experiências entre quem ensina e quem aprende, considerando o conhecimento prévio que traz o sujeito, sem descartar suas experiências, seus objetivos.

Para acabar com tal preconceito e percepção etnocêntrica, é preciso considerar que alfabetização e letramento são processos indissociáveis, estão por natureza, interligados. Além do mais, é preciso considerar o letramento como processo contínuo. De acordo com Soares (2004) as práticas de alfabetização e letramento não podem ser indissociáveis, mas complementares para que o processo de aquisição da escrita e desenvolvimento da habilidade de leitura tenham sentido e significado para os sujeitos, imersos nos contextos de práticas formais de educação,

por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, p.97).

Há, portanto, dois tipos de analfabetismo: absoluto - aquele sujeito que nunca foi a escola, não sabe realizar o processo de codificar e decodificar, porém pode saber escrever o seu nome, mas de maneira técnica/copista; e o funcional - aquele sujeito que frequentou a instituição escolar, por no mínimo quatro anos, mas não desenvolveu plenamente as habilidades de ler e escrever um texto com domínio de suas próprias ideias ou de ideias transferidas pela escrita.

DISCUTINDO O ANALFABETISMO A PARTIR DO FILME

O filme em questão, o qual foi escolhido para análise, é uma ferramenta metodológica de grande valor, didaticamente falando, pois possibilita trabalhar alguns conceitos dentro da perspectiva de alfabetização e letramento, como forma de analisar analogicamente a realidade, “Narradores de Javé” é reflexo da problemática real brasileira ao se tratar de uma das



temáticas que ainda envolve grande parte da população do nosso país, o grande índice de analfabetos e semianalfabetos. Este fator está diretamente relacionado a fatores sociais, atualmente estudar o analfabetismo não é mais culpabilizar o indivíduo, mas perceber os “porquês” que estão associados ao status. Alfabetização, analfabetismo e letramento são três conceitos que podem ser observados no decorrer do filme.

Como sustenta Paulo Freire (1980) “procurar um tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis.” (FREIRE, 1980, p. 32). Baseado nesta concepção, e seguindo o modelo freiriano, foi proposto pela professora responsável ministrante da disciplina, que assistíssemos ao filme, porém, para além do olhar de deleite, mas sim de pesquisadores e professores em formação, conscientes das problemáticas que enfrentaremos em nossas práticas futuras.

Percebemos no decorrer do filme que, no vilarejo maioria dos moradores são semianalfabetos e vão em busca da única pessoa alfabetizada na cidade, conhecida por Antônio Biá, para que o mesmo sirva de escrivão e documente as histórias que foram repassadas de geração em geração sobre a origem de Javé no livro da salvação e, que estão guardadas nas memórias dos cidadãos Javélicos, preservando assim a história local, ainda que verdadeiras ou não, pois existe uma pluralidade de vozes, na qual cada cidadão que narra o fato insere suas emoções, interesses, referências, crenças e convicções. Antônio Biá, até o momento, estava banido das terras de Javé, pois para não perder seu emprego nos Correios (como a população não sabia escrever e ler, não existiam correspondências para serem lidas, escritas e enviadas) e deixar de receber o seu salário, fez o uso da escrita de estórias partindo de histórias da população local e endereçou inúmeras cartas para seus conhecidos pela região, denegrindo a vida de seus vizinhos, porém movimentando os Correios.

Desta forma, o indivíduo alfabetizado que antes fora excluído e banido, retorna ao vilarejo como figura de destaque e habilitado para salvar todos, tornando-se detentor de um saber/poder, o qual o mesmo é usado para aproveitar-se de situações para o benefício próprio, à exemplo de beber ou ir ao barbeiro de graça. A importância do escriba no enredo do filme é bastante clara, declarado como esperança de salvar Javé e, responsável por registrar a história, nos faz refletir o papel do escriba no processo de ensino-aprendizagem, a função de não só servir para transcrever letras ou palavras, mas de ter um domínio do que faz para servir de exemplo e, ser capaz de ensinar aos demais o código escrito, tão essencial em nossa sociedade letrada, regida pelo transpassar do conhecimento.

Ainda sobre o saber/poder de Antônio Biá, o mesmo por mais que tenha sido convocado para redigir um documento em prol de salvar Javé, alerta a população que



independente do que eles façam, a represa irá ser construída e que na visão dos engenheiros e os responsáveis por tal feito enxergavam a população de Javé como ignorante e míseros sujeitos que iriam ser sacrificados em prol do bem maior. O personagem, portanto, consegue colocar-se frente aos demais, ele por muitas vezes consegue a palavra, possui inclusive um poder de persuadir, enquanto que os analfabetos e os poucos letrados do vilarejo, não conseguem exercer sua autonomia e cidadania ao passo que inseridos em uma sociedade letrada, regida pela escrita e leitura, não conseguem redigir e compreender o código, são obrigados a deixarem sua terra, para que o governo construa a represa, pois são vistos como seres insignificantes e ignorantes, concepção extremamente errônea relacionada aos analfabetos, pois sabe-se que por mais que um sujeito não saiba ler ou escrever, o mesmo possui conhecimentos acerca de mundo e contém experiências de vida válidas como fonte de saber, e muitas vezes, estes indivíduos utilizam outras formas de registro de suas ideias como à exemplo dos desenhos como ocorre no processo formativo de aquisição da escrita das crianças. Paulo Freire (1980) afirma que “as relações entre dominador e dominado refletem o contexto social amplo, mesmo sob o aspecto pessoal, e supõem que os dominados assimilem os mitos culturais do dominador.” (FREIRE, 1980, p. 64)

Dessa forma, por eles não conseguirem exercer a sua cidadania plena, reivindicando por seus direitos, pode-se perceber o impacto que o analfabetismo causa como um fator negativo, pois estes cidadãos não são oportunizados ao acesso a outro lugar para fixarem-se, caso assegurado pela Lei de Desapropriação - Decreto Lei 3365/41. Freire faz referência ao que diz quando afirma que existe uma grande distância social e que esta não permite diálogos entre os dominantes e subvertidos, segue sustentando que “a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo.” (FREIRE, 1980, p. 40)

Contudo, mesmo não sendo considerados alfabetizados, os javélicos podem ser considerados letrados, pois os seus moradores, mesmo sem o domínio do código, fazem uso de práticas sociais, como forma de resgatar a memória para narrar oralmente acontecimentos importantes. À exemplo, das pluralidades no momento das narrações acerca do surgimento de Javé. Antônio Biá sente dificuldades em escrever no livro a história oral do vilarejo, pois além desta pluralidade de vozes, o paralelismo que emergia entre as contações orais baseadas em histórias individuais acabava dificultando a escrita científica, pois como foi mencionado no filme a escrita científica exige fatos verídicos e se possível, argumentos com provas. Fazia-se necessário adequar oralidade à escrita. E contraditório a este fato, Biá também fala aos demais javélicos sobre a maneira de escrever, pois os mesmos o pediam para ir escrevendo ao passo



que relatavam suas histórias, porém o personagem sugere que a escrita não pode ser transcrição da fala, mas o conjunto de idéias “bonitas” é preciso que se “floreie” o texto, o incremento de emoções e sensações, para que só assim haja o interesse do leitor.

Emilia Ferreiro (1986) afirma que “a informação não visual foi caracterizada sobretudo como o conhecimento da língua que o leitor possui, assim como o conhecimento dos temas envolvidos”. (FERREIRO, 1986, p. 69)

É perceptível que cada personagem que dar suas contribuições ao livro da salvação contavam à sua maneira, ao seu estilo de falar e se expressar a história da fundação de Javé a partir destas memórias individuais. Tratando-se disto, todas as narrativas possuem o mesmo fundamento: tentar salvar Javé da inundação a partir de uma história que é reflexo da cultura do povo javélico. Estudar a história de um povo é adentrar em sua cultura, seus traços, vestígios e analisar a interferência desta na vida de quem nela está inserido. Para Paulo Freire “a cultura é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na memória e não “incorporadas” no ser total e na vida plena do homem.” (FREIRE, 1980, p. 38)

Portanto, percebemos que Javé é um vilarejo simples, baseado também em tradições míticas, manifestações religiosas bem presentes nos gestos e comportamentos individuais, com características pertencentes a um povo que vive no exercício do sentimento de ser comunidade, apesar dos interesses pessoais. A população é marcada pela oralidade, os acordos e os tratos marcados pela fidelidade da palavra, inclusive o domínio de terras eram passados por tal aos descendentes, tanto que no filme, quando Biá vai ouvir o personagem conhecido por Gêmeo e seu irmão, “fruto de um adultério”, os mesmos querem saber a respeito de uma herança familiar, como dividir e etc., já que os pais deles não deixaram nada por escrito.

A necessidade de desenvolver habilidades de escrita surge na população javélica, a partir das exigências da documentação para comprovar que o vilarejo tinha sua importância. Construir a represa no Vale do Javé significa progresso, como bem expressa no filme, como diz o narrador Zaqueu “sacrificar poucos pelo bem maior”, a modernidade chegando aos patamares de pequenas associações humanas. Javé representa o tradicionalismo, como exposto anteriormente, a cidade, os personagens, as casas e os costumes, refletem uma tradição cultural fixada em tradições que sucintamente se abre a modernidade, a exemplo do comércio de Zaqueu, na van, de sair da cidade para comprar coisas encomendadas pelos demais moradores.



Como defendido por Freire (1989) “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”, portanto, refletimos no decorrer deste artigo, que apesar da comunidade do Vale de Javé ser, em sua maioria, semianalfabeta, os indivíduos são letrados, pois possuem conhecimento de mundo e apesar de terem ou não um grau distinto de alfabetização, conseguem externar ideias uns com os outros, não comprovadas cientificamente, mas de alguma forma assimiladas durante o decorrer de sua vida, a exemplo, temos a cena que Evaldo e Vicente comentam sobre se seus antepassados são refugiados ou retirantes, afirmando que os primeiros seriam covardes por dar as costas à guerra/inimigo e sair como covarde, fugindo ao invés de enfrentar a situação, enquanto que o segundo seria um povo seriam os últimos a sobreviver e teriam lutado até o fim na batalha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto percebemos que apesar de não terem o domínio da escrita e da leitura, os javélicos conhecem conceitos e chegam até a contextualizá-los ou possuem ideias relacionadas a leitura de mundo que os mesmos têm. Esta ideia é verídica, anteriormente falamos a respeito da realidade brasileira, que possuem muitos analfabetos, estas pessoas normalmente são excluídas socialmente por não conseguirem acompanhar as exigências da sociedade letrada, porém muitos se configuram como letrados, pois interpretam o mundo a sua maneira, reconhecem algumas placas de trânsito e não precisam “ler”, nos referindo a decodificação, para isso, pois o mesmo pode ter assimilado a aprendizagem através de uma conversa oral informal.

A questão é, devemos repensar conceitos como “ignorância”, “sem luz” atribuídos a estas pessoas, e como retrata no filme, que apesar da condição de semianalfabetos eles lutam para manter sua cultura viva, e apesar do final trágico, a comunidade de Javé iria em busca de um novo lar, juntos, portanto sua cultura e seus costumes não afundariam juntamente ao vilarejo, pois, como expõe a antropologia, sociologia e psicologia, é nas relações interpessoais dentro de um determinado grupo/comunidade/sociedade que os indivíduos constroem cultura, se constroem e constroem o que sabem.

O saber ler e escrever tem se tornado um jogo político, o qual poucos tem acesso, e assim é mantido por vez daqueles que são responsáveis por garantir tal direito básico. Como afirma Paulo Freire, em seu livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, datado do ano de 1980, “o opressor não é solidário com os oprimidos senão quando deixa de olhá-los como uma categoria abstrata e os vê como



peças injustamente tratadas, privadas de suas palavras, de quem se abusou ao venderem seu trabalho; quando cessa de fazer gestos piedosos, sentimentais e individualistas e arrisca um ato de amor.” (p. 59). De tal modo, não é de interesse político, porém sim, social, que a grande massa que constitui este país, detenha saberes, saberes estes normativos, pois uma vez detentor de conhecimento, se libertará das amarras que os prendem.

REFERÊNCIAS

Filme Narradores de Javé, Ano de Lançamento (Brasil - 2003). Estúdio: Bananeira Filmes/Gullane Filmes/Laterit Productions. Distribuição: RioFilme, Direção: Eliane Caffé, Roteiro: Luíz Alberto de Abreu e Eliane Caffé, produção: Vânia Catani, Música: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa, Fotografia: Hugo Kovensky, Direção de Arte: Carla Caffé, Edição: Daniel Rezende.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo** (tradução Sara Cunha Lima, Maisa do Nascimento Paio) – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** (tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintral). – 3. Ed. – São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 12 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** São Paulo, Cortez – Coleção Questões de Nossa Época; v. 47, 8 ed. 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos.** Pátio – Revista Pedagógica. Artmed Editora, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>:

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

PIZZANI, Luciana et al. **A arte de pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento.** Ver. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas, 2012, v.10, n1. p.53-66.

PINTO, Cláudio. **Trabalho e Capitalismo Global: o Mundo do Trabalho através do Cinema de Animação.** Bauru, São Paulo: Canal 6 (Projeto editora Praxis), 2011.